

# CORPO E ESSÊNCIA NA ARQUITETURA

## BODY AND ESSENCE IN ARCHITECTURE

JÉSSICA SCHMITT

---

**RESUMO:** A arquitetura na atualidade tem sido feita de maneira desconectada do corpo. Enquanto sua produção for feita de modo irrefletido, como reprodução de padrões há muito estabelecidos, sem um olhar crítico por quem a produz e por quem nela habita, ela se encontrará afastada do homem, uma vez que este não conseguirá com ela estabelecer uma conexão verdadeiramente essencial. Assim, este trabalho buscará desenvolver uma discussão sobre a capacidade que a arquitetura tem, quando obra de arte, de transformar o humano como apresentação de um espelho subjetivo do homem que percebe. A arquitetura, neste papel transformador, tem o poder de gerar sentidos por meio de sua apreensão e de possibilitar o contato do homem com sua essência, reconectando-o à sua existência, permitindo, assim, sua recriação enquanto perceptor de uma obra arquitetônica.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Corpo; Percepção; Essência.

**ABSTRACT:** *Architecture, nowadays, has been done in a way disconnected from the body. As long as its production is done in an unreflective mode, as a reproduction of patterns that have been established a long time ago, and without a critical view by those who produce it and by those who live in it, it will find itself far away from man, since he will not be able to establish an identity with it. Thus, this work will seek to develop a discussion about the capacity that architecture has, as a work of art, to transform the human as a presentation of a subjective mirror of the man who perceives. Architecture, in this transforming position, has the power to generate meanings from its apprehension, and enable man's contact with his essence, reconnecting him to his existence and, thus, allowing his recreation as a perceiver of an architectural work.*

**Keywords:** *Phenomenology; Body; Perception; Essence.*

## INTRODUÇÃO

**A discussão deste artigo surge a partir da observação da problemática do homem desconectado com a arquitetura, com os espaços em que vive e convive a maior parte de seu tempo. A arquitetura tem sido feita desconectada do corpo e dos sentidos do homem, dificultando uma identificação deste com esta. A arquitetura, que a princípio tem o papel de reforçar a existência do homem no mundo, não reflete mais este humano, e afasta-se assim de seu propósito.**

Além da problemática do desenvolvimento de projetos que estejam afastados do corpo, surge com esta a preocupação de se aprender a perceber a arquitetura, não apenas com a visão, mas com todos os sentidos. Não se pretende aqui incentivar ou tratar da percepção da arquitetura em um sentido restrito e condicionado, pois isso objetificaria sua análise e a limitaria. Buscaremos tratar da análise arquitetônica em um sentido fenomenológico, onde a percepção particular do usuário é valorizada, assim como sua história e experiências já vividas, buscando desenvolver uma reflexão acerca da apreensão da arquitetura, e os significados que podem ser extraídos de sua materialidade.

Ainda que se façam espaços ricos como experiência, é necessário que o usuário consiga apreciar sua qualidade estética, é necessário haver uma consciência em relação a essa sensibilidade, contribuindo assim para a formação de um olhar mais crítico em relação aos espaços que são desenvolvidos e entregues aos usuários para que os próprios demandem arquitetura.

ras de qualidade, que contribuam para uma vivência rica, e não sejam apenas uma reprodutibilidade infundada.

A arquitetura, por mais que muitas vezes, reflita e se apresente como um espelho de seu tempo, de suas ideologias e tecnicismos possui ela própria uma capacidade de transformação sobre o homem. O homem cria a arquitetura, mas ela também tem a capacidade de recriá-lo.

A obra de arte arquitetônica tem o poder de tocar a essência do humano, e por isto transformá-lo. Uma vez que se apresenta como um espelho subjetivo do homem, expressando seus desejos, aspirações, medos, tem a capacidade de refletir o humano em sua constituição. Neste sentido é trazida a fenomenologia como ferramenta para buscar uma arquitetura voltada para a sensorialidade do corpo e que permita uma reconexão com sua essência por meio da reflexão sobre sua existência.

## O CORPO NA PERCEPÇÃO

**Desde a antiguidade o sentido da audição e, principalmente, o da visão vem sendo priorizados em detrimento do restante do corpo. Estes eram tidos como sentidos “espirituais” enquanto os outros eram considerados corporais. Platão defendeu este discurso em diálogos como a *República* (PLATÃO, Rep. 507b11) e *Hípias Maior* (PLATÃO, Hip. Mai. 298a) e influenciou diversos pensadores com esta ideia, como por exemplo Hegel.**

Hegel, por acreditar que a obra de arte é uma expressão do espírito no sensível, defende que apenas os sentidos teóricos (visão e audição) tem a capacidade de efetivamente apreciar a obra artística, classificando os tipos de arte na ordem crescente em: arquitetura, escultura, pintura, música e poesia. Hegel entende assim que a poesia, a arte do discurso, é a mais elevada por considerá-la a arte do espírito, menos dependente da matéria e a arte mais ilimitada (cf. HEGEL, 2002, p. 28) enquanto a arquitetura é

considerada por Hegel como a arte mais inferior por se constituir de material não-espiritual, matéria pesada e se configurar apenas segundo as leis da gravidade (cf. HEGEL, 2002, p. 26).

Este pensamento da superioridade da visão se conservou ao longo da história e influencia até os dias de hoje o pensamento ocidental em sua forma de produzir arte e especificamente, neste caso, arquitetura. As tentativas de superar a gravidade, mesmo que de maneira ilusória, e de superar a própria materialidade se dão de maneira constante na história da arquitetura com o uso de formas que se desprendem do chão, formas curvilíneas, formas esbeltas, o uso de materiais translúcidos, o uso de grandes vãos livres, entre outros recursos que promovem essa sensação ao usuário que habita a obra.

A arquitetura, que enquanto arte tem a possibilidade de abarcar todos os sentidos, se volta para o sentido da visão, e se empobrece esteticamente. As obras arquitetônicas que temos desenvolvido, em sua grande maioria, não estão direcionadas ao corpo e aos sentidos. Juhani Pallasmaa, arquiteto e teórico finlandês, tem questionado ao longo nas últimas décadas, a maneira com que se tem produzido a arquitetura:

Nos últimos 30 anos, nos quais tem predominado um tipo de obra que busca imagens visuais surpreendentes e memoráveis. Em vez de uma experiência plástica espacial embasada na existência humana, a arquitetura tem adotado a estratégia psicológica da publicidade e da persuasão instantânea; as edificações se tornaram produtos visuais desconectados da profundidade existencial e da sinceridade. (PALLASMAA, 2011, p. 29)

Pallasmaa chama a atenção para a arquitetura ter se transformado em um produto de publicidade, um objeto de apreensão rápida e superficial, quando na verdade deveria ser um local para abrigar as pessoas, seus corpos, suas vidas, seus sonhos. O próprio consumo da arquitetura tornou-se comercial, onde as pessoas não buscam atender às suas próprias ne-

cessidades, mas reproduzir um padrão, uma aparência.

A arquitetura deve transmitir significados, estar voltada para o local onde é desenvolvida, respeitando as características topográficas, culturais e materiais da região. Mas quando isso não acontece, o que se tem apresentado com grande frequência, ocorre a uniformização, a criação de estereótipos que não refletem a existência de um espaço, mas a reprodução de uma imagem desconectada com a realidade de um lugar, e conseqüentemente desconectada com pessoas que irão fazer uso desse lugar.

Quando a arquitetura deixa de promover uma reflexão sobre a existência do usuário ela perde seu propósito, tornando-se vazia. Arquitetura, corpo e cultura devem estar conectados. A experiência corporal deve ser explorada, a percepção do usuário no desvelamento da obra, a riqueza de texturas, escalas, formas, materiais, iluminação. É necessário o desenvolvimento de arquiteturas que permitam ao usuário uma rica experiência estética para que possamos resgatar o vínculo do homem com o espaço projetado, uma apreensão estética que valorize o corpo como um todo e não apenas a visão.

Ao apreender uma obra arquitetônica todo o corpo do conviva pode ser envolvido na atividade. É possível escutar a reverberação de um ambiente, seu eco, que se dá de maneira diferente de acordo com os materiais que compõe esse espaço, se materiais duros, refletores ou absorventes. É possível sentir a temperatura de um espaço, e suas texturas, muitas vezes sem nem mesmo precisar tocá-las, mas também as sentir em pontos de toque como corrimãos e maçanetas. É possível sentir o cheiro de um ambiente, de seus materiais, desenvolvendo um vínculo com o usuário, uma vez que o olfato é um sentido fortemente relacionado a memórias e recordações quando explorado de maneira efetiva. O próprio paladar, segundo o autor Pallasmaa se vincula a arquitetura por meio da relação que esse estabelece com o tato (cf. PALLASMAA, 1994, p. 37).

Os sentidos se apresentam interconectados, como o

tato à visão, a visão ao paladar, o movimento a audição, o deslocamento ao senso de orientação, o olfato à memória. Nosso corpo e sentidos se estabelecem de maneira complexa no espaço. As sensações estão sobrepostas e são simultâneas. O corpo ao mesmo tempo que escuta, se movimenta, vê, sente o cheiro, sente a temperatura e texturas. É possível e necessário que as obras arquitetônicas sejam criadas promovendo uma experiência rica esteticamente ao usuário sem que sejam pensadas apenas em uma percepção visual da obra.

A obra de qualidade estética deve existir e, tão importante quanto sua criação, é o alcance que deve ter até as pessoas que irão habitá-la. Se os usuários da obra não conseguirem fazer uma apreensão profunda do que se apresenta, não possuírem um olhar e um corpo fenomenológico para vivenciá-la, a obra não conseguirá tocá-los e não conseguirá transmitir nenhum tipo de significado.

Não basta apenas o desenvolvimento de arquiteturas de qualidade, que valorizam a percepção do usuário, se quem as habita não tem consciência do que percebe, não tem senso crítico de avaliação, não tem educação espacial, arquitetônica.

## DESENVOLVIMENTO DE UMA PERCEPÇÃO FILOSÓFICA

**É preciso aprender a ver a arquitetura, mas mais do que vê-la, senti-la. É necessário tornar-se sensível à obra, para que a arquitetura toque o homem. Mas para que ela alcance seu preceptor, este deve estar aberto a ela, permitir que a obra o alcance, e para isso é necessária uma educação arquitetural, uma educação do olhar e do corpo.**

A fenomenologia se apresenta como ferramenta para o desenvolvimento de uma percepção crítica sobre a maneira com que se tem produzido obras arquitetônicas. O excesso de objetivismo racionalista acabou por afastar as pessoas da percepção de uma arquitetura que promova a reflexão sobre sua exis-

tência.

Assim, a fenomenologia volta-se para uma apreensão subjetiva e particular do conviva da obra. Uma única obra tem a capacidade de tocar uma enorme variedade de pessoas. E cada pessoa que vai fazer a apreensão desta obra possui seu próprio repertório, história e vivências, o que contribui para que cada leitura seja única e particular.

Cada indivíduo terá uma interpretação diferente em sua percepção da obra arquitetônica, uma maneira própria de percorrer a obra e interpretá-la. Segundo Norberg-Schulz “a construção de diferentes mundos pelas pessoas são produtos de diferentes motivações e experiências passadas” (NORBERG-SCHULZ, 1971, p.10). Cada um possui seu próprio *background*, um plano de fundo da história da sua vida, recebeu influências por experiências passadas e que influenciam de modo único sua maneira de apreender uma obra de arte.

A pessoa que percebe a obra possui um gosto moldado, uma experiência particular vivida, um contexto único em que está inserido. Desta maneira, a interpretação da obra e os significados apreendidos de sua apreensão se apresentam de maneira diferente para cada usuário. Cada um sente a obra arquitetônica de uma jeito muito específico e particular.

Uma obra de arte dificilmente será universal, considerada uma obra de arte por todas as pessoas do mundo, devido aos diferentes tipos de cultura e realidades em que as pessoas estão inseridas. Mas ao promover uma educação espacial das pessoas, é possível ampliar o olhar e a sensibilidade dos receptores da arte arquitetônica, contribuindo para que mais pessoas possam ser tocadas, e consigam fazer apreensões profundas das obras arquitetônicas com as quais possam vir a ter contato.

O esforço filosófico se ancora, portanto, numa aprendizagem da sensibilidade que aponta para o leitor, através da análise do monumento, a possibilidade de leituras sensíveis mais aprofundadas que o fazem perceber no espaço construído o espaço vivido. (BRANDÃO, 1999, p. 28)

Brandão, no trecho acima, chama atenção para a necessidade de nos sensibilizarmos, tornarmos-nos abertos à obra de arte, para que esta nos alcance e traz a análise de monumentos como caminho para praticar tal sensibilização.

A educação espacial e arquitetônica que se trata aqui não é um condicionamento do olhar, o ensinamento de uma forma única de se apreender um objeto, até porque isso iria contra o pensamento fenomenológico. A educação arquitetônica aqui se refere à sensibilização do conviva, um chamado de atenção para o perceber.

Luciano Coutinho em seu livro *Educação Arquitetônica da Humanidade* apresenta a releitura da arquitetura como atividade essencial para a recriação da humanidade (cf. COUTINHO, 2021, p. 214). A releitura de obras torna-se assim um caminho, segundo o autor, para o desenvolvimento do olhar filosófico sobre as obras de arte arquitetônicas. Precisamos tornarmos criadores de obras arquitetônicas, seja como “autores ou receptores”, uma vez que considera que a verdadeira recepção de uma obra de arte é tão criadora quanto sua criação (cf. COUTINHO, 2021, p. 124).

Tal ideia foi defendida também por Steel Eiler Rasmussen em seu livro *Experiencing architecture* quando este afirma que “o processo mental que se passa na mente de uma pessoa que observa um edifício é muito semelhante ao processo que se passa na mente do arquiteto quando este projeta um edifício<sup>6</sup> (RASMUSSEN, 1962, p. 44). Rasmussen traz a ideia de que a recriação da obra por parte do observador

---

<sup>6</sup> Tradução da autora para: “The mental process that goes on in the mind of a person who observes a building in this way is very much like that which goes on in the mind of an architect when planning a building”.

proporciona a este uma experiência também criadora.

Ao recriar uma obra de arte arquitetônica, o conviva, quem percebe a obra, tem a oportunidade de recriar-se junto com a obra. O olhar filosófico sobre a obra permite que novas dimensões sobre o mundo sejam exploradas e sobre o próprio indivíduo que a percebe. Ver-se refletido em uma forma, buscar a leitura, significação de um elemento arquitetônico contribui para perceber o que não se apresenta de maneira visível. E este é o desafio: enxergar para além da matéria, perceber o invisível no visível. A arte possui uma dimensão corpórea, mas abriga uma essência invisível que pode ser acessada pelo humano.

## IDENTIFICAÇÃO E RECRIAÇÃO

**Luciano Coutinho defende a tese de que a arquitetura possui a capacidade de transformar o indivíduo que a percebe, de recriá-lo. Coutinho afirma que do traço arquitetônico “vem a força propulsora que leva o humano a reconhecer-se nela, recriando, assim, sua própria humanidade, com dignidade, por empatia individual e humana” (-COUTINHO, 2021, p. 54).**

Esse reconhecimento tratado por Luciano Coutinho pode ser entendido como uma identificação do conviva com a obra arquitetônica que apreende. Ele precisa estabelecer um vínculo com a obra e se ver refletido de alguma maneira para que aquela obra adquira poder de transformação sobre ele.

A identificação do conviva com a obra na arquitetura não ocorre de maneira óbvia como pode acontecer com uma pintura ou escultura, ela pode se associar a um estado psíquico, uma característica da obra, como Maurício Puls exemplifica em seu livro *Arquitetura e filosofia*:

A arte é um conhecimento desejan- te: os objetos estéticos não informam apenas o que os indivíduos são ou o que foram, mas também o que eles

desejam ser ou que gostariam de ter sido. Nós nos identificamos parcialmente com esses personagens que existiram antes ou além de nós, mas nos sensibilizamos plenamente com seus sonhos. Podemos até esquecer que uma pirâmide é o túmulo de um homem, mas é difícil não perceber o desejo de eternidade que dela emana, porque também desejamos esse desejo. O prazer que uma pirâmide nos proporciona radica menos na sua harmonia formal ou na sua massa imponente do que no sonho que ela encerra: os homens querem ser grandes, sólidos, perfeitos, imortais. (PULS, 2006, p. 27)

No exemplo dado acima, Puls reconhece a identificação do homem com a obra por meio de características que a obra expressa de maneira subjetiva e que o homem apresenta como desejos de sua existência e mortalidade. Puls afirma ainda que “o edifício é o lugar do homem no mundo. Ele não é o reflexo objetivo do homem, de sua aparência física, mas de seu modo de ser, de sua essência” (PULS, 2006, p. 13). O homem não reconhece na obra de arte arquitetônica sua forma humana, mas o que nele há de essencial. Puls defende que “a obra de arte espelha o homem em seu mundo. O sujeito compreende a obra porque ela é uma objetificação de sua subjetividade: um objeto artístico é o próprio homem personificado em um ente inorgânico” (PULS, 2006, p. 13). A obra de arte tem a capacidade de tornar sensível a essência humana, de instalá-la no tempo e no espaço, de tornar algo subjetivo, algo material e palpável, de permitir que a mesma expressão alcance muitos indivíduos, de tempos e lugares diferentes quando consegue perdurar na história.

Por ser essência humana apresenta na obra de arte arquitetônica, quando o homem consegue apreendê-la, tem o potencial de transformação sobre este. Quando o homem alcança o conhecimento da obra, esta implica em reconhecimento de si, um autoconhecimento que se realiza na própria experiência do conhecer (cf. BRANDÃO, 2000, p. 176 e 177). A apreensão profunda da obra permite ao homem, segundo sugere Brandão, um autoconhecimento, e mais do que isso, um autorreconhecimento ao ver sua es-

sência humana refletida na obra.

Brandão, assim como Coutinho defende a ideia de que a arquitetura possui um poder de transformação sobre o homem quando há apreensão profunda de uma obra de arte arquitetônica. A obra contribui para a construção do conhecimento sobre si e sobre o mundo e pode ser utilizada como caminho para que o homem consiga evoluir pessoal e coletivamente, construindo um mundo melhor e mais consciente.

A obra de arte arquitetônica consegue tocar o humano por ser criação humana. Por estar preso a sua subjetividade, toda a realidade do homem e expressão se apresenta por meio de sua antropomorfização. Tudo que o homem vê e produz é a partir de seu olhar humano, e a arquitetura neste sentido, como produção humana é a maneira como o homem encontrou para situar-se no espaço e no tempo. Ela permite que o homem se situe no mundo e na história de maneira apreensível. A obra arquitetônica além de ser o meio material pelo qual o homem se apresenta como parte integrante do mundo, reforça sua sensação de realidade, identidade pessoal e contribui para que homem dê ordem e significado a sua existência.

Norberg-Schulz em seu livro *Arquitetura ocidental* defende que “os significados existenciais derivam de fenômenos naturais, humanos e espirituais. A arquitetura os traduz em formas espaciais” (NORBERG-SCHULZ, 1999, p. 7). Pode-se afirmar a partir disso que a arquitetura é uma expressão espacial da existência humana, por meio dela o homem pode questionar seu estar no mundo, sua maneira de se relacionar com este e sua maneira de ser.

A arquitetura é desenvolvida e interpretada pelo homem, e este consegue estabelecer vínculos entre criações e modos de ser:

Isto significa que o homem é capaz de reconhecer semelhanças e relações entre fenômenos e de descobrir as leis que regem os processos naturais e humanos. Quando consegue aprender o ininterrupto fluxo de fenômenos, constitui seu “significado” existencial. Isso implica que o sig-

nificado de todo fenômeno é o contexto em que aparece, e que cada homem é a soma das inter-relações ou dos significados que os são acessíveis. (NORBERG-SCHULZ, 1999, p. 224)

A arquitetura é um signo dotado de significado para quem consegue acessá-la. E o homem, segundo Norberg-Schulz “é a soma das inter-relações ou dos significados que os são acessíveis” (NORBERG-SCHULZ, 1999, p. 224), a partir disso é possível afirmar mais uma vez o poder de transformação que a arquitetura possui e a necessidade da educação sobre tal assunto. Pois quanto mais educação arquitetônica e espacial um homem recebe, mais ele amplia seu campo de percepção, tornando mais obras acessíveis a sua compreensão, aumentando a possibilidade de alcançar os significados que uma obra arquitetônica pode oferecer. E ao ter contato com mais significados transmitidos pelo objeto arquitetônico mais ele pode se transformar e evoluir, uma vez que é formado por tais significados.

Quando o homem consegue fazer uma leitura estética da obra, percebê-la com seu corpo e associar significados a suas interpretações, recria-se. A medida que soma significados apreendidos, interpretados e reinterpretados se constrói como ser social e individual. Desta maneira a interpretação do fenômeno permite que o humano se desenvolva e evolua.

## CONCLUSÃO

**A arquitetura é uma das formas de arte mais ricas por poder ser explorada pelos diversos sentidos do corpo humano e poder servir como elemento de reflexão existencial do homem, uma vez que por meio dela este se instala no mundo, e domestica de alguma maneira o tempo e o espaço.**

Por meio das discussões trazidas neste texto fica evidente a necessidade do desenvolvimento de arquiteturas que estejam voltadas ao humano e ao seu corpo assim como o desenvolvimento de um olhar crítico, filosófico para que se consiga alcançar a fun-

do os significados que uma obra arquitetônica possa expressar por meio de uma análise ou releitura profunda.

Uma vez alcançado o potencial de apreensão de uma obra de arte arquitetônica, é possível, por meio desta, recriar-se como humano, acessar conhecimentos sobre si e sobre o mundo, em uma análise subjetiva. Ao acessar a essência da obra arquitetônica, o homem adquire potencial de evolução e se desenvolvido em larga escala, o potencial de transformação de toda uma sociedade.

Quanto mais consciente de si, do seu corpo e do seu espaço, mais senso crítico se desenvolve em relação a qualidade de espaços arquiteturais apreendidos e espaços com qualidade estética passam a ser mais requisitados e valorizados. O ciclo se fecha por meio da educação arquitetônica e espacial: se o homem passa a produzir espaços arquitetônicos com maior qualidade estética, mais espaços de qualidade existirão para tocar um novo contingente de pessoas que se tornam aptas, e susceptíveis a sua transformação.

O homem transforma a arquitetura e a arquitetura transforma o homem quando é possível uma troca entre ambos, quando o homem consegue acessar de maneira profunda o significado que uma obra pode ter para ele e quando a essência da obra é alcançada por quem a percebe.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos. *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

BRANDÃO, Carlos. *Quid Tum? O combate da arte em Leon Battista Alberti*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

COUTINHO, Luciano. *Educação arquitetônica da humanidade*. Brasília: Tanto Mar Editores, 2021.

HEGEL, Georg. *Cursos de Estética. Volume III*. Tradução Marco Werle; Oliver Tolle. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Arquitetura Occidental*. Barcelona: Gustavo Gili SA, 1999.

PALLASMAA, Juhani. *An architecture of seven senses. Questions of perception*. Washington: Architecture and Urbanism, 1994. .

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PULS, Maurício Mattos. *Arquitetura e filosofia*. São Paulo: Annablume, 2006.

RASMUSSEN, Steen Eiler. *Experiencing Architecture*. Cambridge: The MIT Press, 1962.

PLATÃO. *A República*. Trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

\_\_\_\_\_. Hípias Maior. *In Diálogos*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.